

UMA NOVA ORDEM ECONÓMICA

por Mário Soares

O sistema neo-liberal, responsável pela economia de casino, em que temos vivido, à escala mundial, está a dar sinais de esgotamento e de incapacidade, em especial, nos Estados Unidos. Basta ter lido o discurso de Estado, do Presidente Bush, para perceber isto. A "incerteza económica", que tanto preocupa o comum dos americanos, constituiu apenas uma referência de passagem, no último discurso presidencial sobre o estado da União e nada mais do que isso. Bush, obviamente, não sabe o que há-de dizer e, sobretudo, que fazer. Os economistas e políticos que apareceram no velho areópago de Davos, antes tão arrogantemente monetaristas, também não. Falam de mudança, transparência, ética, mais Estado - imagine-se?! - por causa do problema social e do ambiental, a que devemos dar a maior atenção, claro, denunciam que estão obsoletas instituições como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional, mas ainda não ousam afirmar que o sistema está pôdre e que é indispensável - e urgente - mudá-lo profundamente.

Quanto à União Europeia, onde a crise financeira e económica está menos presente - o euro está a tornar-se a moeda de referência global, com o dólar em queda livre - importa reconhecer, que ainda também não ousou tirar as conclusões, que se impunham do esgotamento do sistema neo-liberal. Por falta de coragem política.

A Cimeira promovida pelo Reino Unido - com os quatro "grandes" iniciais: Brown; Angela Merkel, Sarkozy, Prodi, aliás demissionário - a que se juntou, à última hora, o Presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, para tentar evitar as críticas contra o "directório" dos pseudos-grandes, foi um golpe anti-europeu tipicamente britânico, em que a Senhora Merkel se deixou envolver e que se saldou, como é habitual, numa manobra mediática retórica, sem quaisquer consequências práticas.

Entretanto, a realidade das coisas vai-se impondo. Os escândalos financeiros, os resultados catastróficos do sub-prime, com consequências muito negativas, nos dois lados do Atlântico, o abrandamento visível do crescimento, o desemprego a crescer, as falências de grandes empresas e de bancos, envolvidos em manobras suspeitas nos off-shores, onde, habitualmente, se lava o "dinheiro sujo", são sinais iniludíveis de que importa urgentemente abrir caminho a uma nova ordem económica global. Mas como, se o ambiente político em que a União Europeia se encontra, parece ainda impedir qualquer reacção com a coragem - e a amplitude de vistas - de que se necessita?

O caso do City Bank, o maior banco do Mundo, é paradigmático da situação de incerteza financeira e moral em que se vive hoje no Estados Unidos e na Europa. O banco está praticamente falido. Mas quem se prepara para o salvar, investindo nele os capitais que foram necessários, são a China, Singapura, e os Emiratos Árabes. A que ponto chegaram os Estados Unidos!

Em ano de eleições presidenciais, os novos rumos políticos, quer queiramos quer não, passam por aí. De momento é difícil fazer previsões. A América, como em 1932, saída da crise de 1929, precisava de um Presidente com a visão e a coragem política de um Roosevelt. Será que desta vez terá a sorte de o encontrar no jovem negro, que teve a ousadia de votar, nos momentos próprios, contra a guerra do Iraque, de propósitos claros e com uma manifesta vontade de mudança?

Seria a maneira de tirar o Ocidente de uma das suas maiores crises de sempre e de vir a poder sentar-se à mesa das negociações com os países emergentes - a Rússia, a China, o Brasil, a Índia - e ainda a África do Sul, o Japão, a Indonésia,

o Egipto e lançar os fundamentos, no quadro da ONU, de uma nova ordem económica global, de que tanto - todos - precisamos.

Lisboa, 30 de Janeiro de 2008